

REVISTA ESCOLAR

ORGAN DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO I

S. PAULO - 1.º de Maio de 1925

N.º 5

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Direcção:

Largo do Arouche, 62

Redactor-director:

Prof. J. Pinto e Silva

Redactores-auxiliares:

Prof. Augusto R. de Carvalho
Prof. Dr. José Veiga

SUMMARIO:

Revista Escolar.

- LIÇÕES PRATICAS:** 1 — Linguagem. 2 — Arithmetica. 3 — Geometria. 4 — Geographia. 5 — Hygiene. 6 — Linguagem.
- PEDOLOGIA:** 1 — A imaginação e suas variedades na criança.
- LIÇÕES DE COUSAS:** 1 — A manteiga. 2 — O chumbo. 3 — A mandioca. 4 — O phosphoro. 5 — O sabão. 6 — A aguapéva. 7 — A gutapercha. 8 — O lacre.
- METHODOLOGIA:** 1 — Processo educativo.
- LITTERATURA INFANTIL:** 1 — Patria. 2 — O gavião e o jaboty. 3 — Que vingança! 4 — A bandeira do Brasil. 5 — Conversa interessante. 6 — A pedra no casinho. 7 — Meu cabano.
- EDUCAÇÃO PHYSICA:** 1 — Jogos escolares.
- QUESTÕES GERAES:** 1 — Importancia da educação hygienica nas escolas primarias. 2 — Palestras sobre ensino.
- VULTOS E FACTOS:** 1 — Leopoldo e Silva.
- MUSICAS E CANTOS ESCOLARES:** 1 — A's aves.
- PELAS ESCOLAS:** 1 — Museu escolar.
- NOTICIAS:** 1 — Collaborações. 2 — "Revista escolar". 3 — "Revista do ensino". 4 — Circular.

S. PAULO - Brasil

1925

As palavras pôdem sêr empregadas — uma em cada sentença, ou *conjugadas às duas, às tres* etc.

E' preciso que as palavras empregadas fiquem sempre á esquerda e no inicio de cada sentença, *gryphadas* sempre.

Não se pôde nunca prescindir da *fôrma* de qualquer *composição*. A *fôrma* é, por assim dizer, o *vestuario do trabalho*.

O mestre deve classificar as composições que recebe, primeiro, pela *fôrma*; depois, cuidará do *fundo*, ou da *essencia*. Quasi sempre parece que o *trabalho limpo* e com *fôrma* é bom; tem bom *fundo*, ou boa *essencia*.

O professor passará sempre a *formação de sentenças*, de modo que as crianças cresçam e progridam com conhecimentos solidos e definitivos sobre um exercicio ao alcance de todas as edades.

ARITHMETICA

I ANNO

(Continuação)

Os "Quadros de Linguagem e Arithmetica", por M. Oliveira e R. Dordal, que tão bons resultados têm dado no ensino da Leitura e Linguagem, prestam-se tambem admiravelmente ao ensino da Arithmetica. O verso das paginas é tão interessante e util quanto a parte colorida; pena é que não seja mais usado.

Naturalmente far-se-á uso desses mappas, depois que a classe tiver conhecimento, por meio de objectos, dos numeros, pelo menos até dez.

Antes de começar propriamente a lição, é de conveniencia deixar que a classe observe e mesmo comente o assumpto do quadro.

(Sirva-nos para lição, por exemplo, a terceira pagina do referido mappa.)

Professora — Hoje vamos dar nossa "lição de contas", aqui no mappa.

Alumno. — Fazer contas com figuras?!

P. — Sim, senhor.

A. — Que bom!

A. — Quantas figuras bonitas!

A. — Olhe que engraçado aquelles dois meninos brigando!

A. — (Apontando para a segunda figura.) Aqui estão brincando de "Passa, passa tres vezes"...

A. — Não é. E' de "Que fructa quer?"

A. — (Apontando para a terceira figura.) E aqui é de "Sellar".

A. — (Apontando para a quarta figura.) Olhem estes dois, aqui embaixo do guarda-chuva.

P. — Bom. Agora, já olharam; vamos á lição.

Aqui está um grupinho que nada tem com a briga.

A. — São tres.

P. — (Apontando sempre.) E aqui, outros que estão brigando, e um promptinho para brigar.

A. — São outros tres.

P. — Então, temos... diga você, Antonio.

A. — Tres crianças e mais tres crianças.

P. — Quantas são ao todo?

A. — Tres crianças e mais tres crianças são seis crianças.

P. — Diga-me, Alvaro, quantos grupos de tres você vê?

A. — Vejo dois grupos de tres. Vejo seis crianças.

P. — Então, seis quanto tres tem?

A. — Seis tem dois tres.

P. — Alfredo, arranje esses seis meninos, aos pares, de dois em dois.

A. — Os dois da briga fôrnam um dois; os outros dois meninos fôrnam o segundo dois: — dois dois. As duas meninas fôrnam o terceiro dois: são tres dois, tres pares.

P. — Diga-me, então, Armando, seis crianças, quantos pares seriam, si fossem dansar? Seis quantos dois tem?

A. — Seis são tres pares. Seis tem tres dois.

P. — Vejamos agora a segunda figura. Em quantos grupos arranja, você, Antenor, estas crianças?

A. — (Apontando.) *Duas* que erguem os braços e *quatro* que vão passar.

P. — Quantas crianças são ao todo?

A. — São *seis* crianças.

P. — Então, repita.

A. — *Dois* crianças e mais *quatro* crianças são *seis* crianças.

P. — E si as *quatro* crianças passassem e fossem embora correndo, quantas ficariam?

A. — Ficariam *duas* crianças.

P. — Repita, contando uma historia, Augusto.

A. — *Seis* crianças estavam brincando. *Quatro* dellas passaram correndo; ficaram *duas* crianças.

P. — Vejamos a outra figura, a terceira.

A. — Desta é que eu gosto!

P. — Então, diga você, Americo, como estão as crianças agrupadas?

A. — Estão *quatro* num grupinho e mais *duas* noutra.

P. — Quantas crianças são ao todo?

A. — São *seis*.

P. — Diga tudo, direitinho.

A. — *Quatro* crianças chegaram para brincar com outras *duas* que já estavam brincando, fazendo ao todo *seis* crianças.

P. — E si as *duas* da frente saíssem, quantas ficariam Arthur?

A. — *Seis* crianças estavam brincando e *duas* saíram. Ficaram só *quatro* crianças.

P. — Agora, supponha que a que está falando, fosse embora. Quantas ficariam, Aristides?

A. — *Cinco*.

P. — Conte direitinho, como fez Arthur. Experimente.

A. — *Seis* meninas estavam brincando de sellar; *um* dellas cansou-se e foi-se embora. Agora só estão brincando *cinco* meninas.

P. — Muito bem! Valeu a pena experimentar.

Estes *seis* meninas resolveram brincar de "Quatro cantos". Quantas quadras podem formar?

A. — Podem formar *uma* quadra.

A. — *Cinco* meninos, e sobra *um*.

P. — Então *seis*, quantos *cinco* tem?

A. — *Seis* tem *um* *cinco* e resta *um*.

A. — Esse *um* que resta é o menino que não pôde entrar no brinquedo.

P. — Vejamos agora a quarta figura.

Alceu, quantas rodas vê você?

A. — *Dois* rodas.

P. — Quantas meninas em cada roda?

A. — *Quatro* meninas em cada roda.

A. — São *quatro* e mais *quatro*; são *oito* meninas.

A. — São também *dois* *quatro*s, que são *oito*.

P. — Cada roda é um *quatro*. Quantos *quatro*s vemos?

A. — São *duas* rodas; são *dois* *quatro*s.

A. — *Oito* tem *dois* *quatro*s.

P. — Destas *oito* meninas, *quatro* tiraram os chapéus.

Quantas estão de chapéo?

A. — *Quatro* estão de chapéo.

A. — A *metade* está de chapéo e a *metade* sem chapéo.

P. — E a *metade* de *oito* meninas, quanto é?

A. — A *metade* de *oito* meninas são *quatro* meninas.

P. — E nesta figura (mostrando a quinta) quantos grupos vê você, Alberto?

A. — Vejo *duas* crianças embaixo do guarda-chuva, mais *tres* que estão espiando e mais *duas* lá ao longe.

P. — Então, quantas são?

A. — São *duas* crianças, mais *tres* crianças, mais *duas* crianças; são *sete* crianças.

P. — Si as de longe forem embora, quantas ficam? Mas, conte a historia toda.

A. — *Sete* crianças estavam brincando; *duas* foram-se embora, ficaram *cinco* crianças.

P. — E si as *duas* debaixo do guarda-chuva fugissem, quantas ficariam?

A. — Estavam *sete* crianças brincando; *duas* fugiram do brinquedo; agora estão só *cinco* crianças.

P. — Agora, você, Altino, vai me contar uma história, reparando nos chapéus destas crianças.

A. — *Sete crianças, de chapéu, estavam brincando. Lá a uma certa hora, quatro dellas tiraram os chapéus. Agora estão de chapéu só três crianças.*

P. — Muito bem! Passemos a esta última figura. Aqui os grupos estão bem separadinhos. Vamos contar.

A. — São duas, mais duas, mais duas e mais duas; são oito crianças.

P. — Quantos degraus são?

A. — São quatro degraus.

A. — E duas crianças em cada degrau, são quatro dois, que fazem oito.

P. — Veja, Antonio, si você é capaz de me dizer oito crianças, quantos pares são; oito quantos dois tem?

A. — Oito crianças são quatro pares; oito tem quatro dois.

P. — E quatro dois que numero fórma?

A. — Quatro dois são oito.

P. — As oito crianças estão repartidas em quantos degraus?

A. — Em quatro degraus.

P. — Portanto, cada degrau tem um...

A. — Um quarto, a quarta parte das crianças.

P. — E um quarto de oito crianças, quanto é?

A. — Um quarto de oito são dois.

(Continua.)

GEOMETRIA

SÓLIDOS GEOMETRICOS

LIÇÃO III

O CUBO

(Continuação)

É preciso trazer sempre na mente que os conhecimentos gravam-se no cérebro pelos sentidos.

Quando a classe aprende, por exemplo, o numero de faces que tem um cubo, os alumnos contam,

mas não contam apenas; apalpam, numeram com giz as faces do cubo, á medida que contam: *uma face, duas faces etc.* Elles ficam sabendo que o cubo tem seis faces, porque *vêem* marcadas todas as faces e nellas *vêem* os algarismos, de um até seis.

Professora. — (Segurando um cubo.) Traga-me da mesa, Antonio, um sólido parecido com este.

Alumno. — (Traz o sólido.)

P. — Agora, você, Alberto, traga-me outro.

A. — (Traz o objecto.)

P. — O seu é bem maior do que os nossos, mas não deixa de ser parecido.

Agora, venha o Arthur. Examine bem, com os dedos, este sólido.

Feche os olhos. (Dando ao Arthur um outro cubo.) Esse sólido é igual ao que você examinou?

A. — E, sim, senhora.

P. — Como é que você sabe que é igual?

A. — Pela fórma.

P. — Agora, o Alvaro. Feche os olhos e ache aqui na mesa um sólido com esta fórma.

A. — (Acha um cubo.)

P. — Venha, Aristides. Feche os olhos. (Dá ao Aristides uma esphera.) Esse sólido é igual ao que estamos estudando hoje?

A. — Não, senhora. O que eu tenho nas mãos é uma esphera.

P. — (Dando-lhe um hemispherio.) E agora?

A. — Agora eu tenho um hemispherio.

P. — Como sabe você?

A. — Conhecemos os sólidos pela sua fórma.

P. — Sim, senhor. Então, isto está sabido.

Terá este sólido faces curvas, Antonio? Olhe bem.

A. — Não, senhora. As faces são...

A. — São faces planas.

P. — Como sabe você que são planas?

A. — Porque são direitas, sem curvas.

P. — E este sólido, terá uma só superfície como a esphera?

A. — Tem mais.

P. — Vamos contar e marcar as faces com numeros.

A. — (Tomando um cubo, marca os algarismos 1, 2, 3, 4, 5 e 6, á medida que mostra, e diz: — 1 face, 2 faces, 3 faces, 4 faces, 5 faces e 6 faces.)

P. — Então, esse sólido tem seis faces?

A. — Seis faces, seis superficies ou seis lados.

P. — (Collocando o cubo no quadro-negro, risca com o giz ao redor duma face. Aqui no quadro-negro está desenhado um dos lados. Vamos vêr quem é capaz de dizer que feitiço tem este desenho?)

A. — E' um quadrado.

P. — (Risca no quadro negro, ao redor de todas as faces, ficando no quadro-negro 6 quadrados.) Estes são os seis lados, não são?

Venha, Alfredo, mostrar o maior delles.

A. — São todos eguaes.

P. — Parecem eguaes. Vamos medir para termos certeza.

A. — (Depois de medir com um fio ou com uma regua.) São bem eguaes.

P. — (Collocando o cubo sobre a mesa). A parte do cubo que fica embaixo, que o sustenta, chama-se...

A. — Alicerce, professora?

P. — Não; não se diz alicerce. Chama-se *base*. (Trocando a base). Que notou você?

A. — A senhora trocou a base.

P. — Qualquer lado pôde servir de base.

Agora, você, Arthur, tome esse sólido, passe a mão nos pontos onde as faces se encontram e diga-me o que notou.

A. — Eu notei uma porção de quinas.

P. — Muito bem! Essas quinas são as *arêstas* do cubo. Entenderam todos?

A. — Entendemos. *Arêsta* é a linha onde se encontram duas faces.

P. — Bravo, Guilherme! Vamos, pois, contar e marcar a giz as arêstas do cubo.

A. — (Marca, á medida que diz: 1 arêsta, 2 arêstas etc., até 12.)

P. — Você marcou todas as arêstas. Quantas achou?

A. — São 12.

P. — Vamos agora medir as arêstas, para conhecermos qual é a maior.

A. — (Depois de medir.) São todas eguaes.

P. — As superficies encontram-se formando o que?

A. — Arêstas.

P. — Agora, aqui (mostrando um canto) são as arêstas que se encontram. Vamos contar quantas.

A. — (Conta e marca.) São: 1, 2, 3 arêstas que se encontram.

P. — Formam o que chamamos *cantos*.

Americo, mostre-me os cantos deste sólido.

A. — (Mostra.)

P. — Quantos cantos são?

A. — (Contando e marcando.) 1 canto, 2 cantos, 3 cantos, 5 cantos, 6 cantos, 7 cantos e 8 cantos. Tem 8 cantos.

P. — Ora, muito bem. Vamos aprender que este sólido (mostrando um cubo) chama-se *cubo*.

Todas as coisas que têm a forma parecida com o cubo, dizemos que têm a *forma cubica*.

Quero vêr quem foi que prestou mais atenção, quem aprendeu.

Como se chama este sólido?

A. — E' um cubo.

P. — Quantas superficies tem o cubo?

A. — O cubo tem seis superficies.

P. — Como são as superficies do cubo?

A. — São planas.

P. — E o que mais?

A. — Quadradas.

P. — (Mostrando os seis quadrados no quadro negro.) E o que mais?

- A. — Eguaes.
- P. — Augusto vae dizer tudo o que sabe a respeito das superficies do cubo.
- A. — O cubo tem seis superficies planas, quadradas, eguaes.
- P. — Quantas aréostas tem?
- A. — Tem doze.
- P. — Como são as aréostas do cubo?
- A. — São rectas e eguaes.
- P. — Então, diga outra vez, tudo junto.
- A. — O cubo tem doze aréostas rectas, eguaes.
- P. — E quantos cantos tem o cubo?
- A. — O cubo tem oito cantos.
- P. — Vamos dizer nomes de coisas que têm fórma cubica.
- A. — O dado tem fórma cubica.
- A. — Algumas caixas têm fórma cubica.
- A. — Algumas salas têm fórma cubica.
- A. — A's vezes, o sabão têm fórma cubica.

GEOGRAPHIA

PORTOS BRASILEIROS

(Continuação)

Os estudos dos phenomenos physicos da superficie terrestre, bem como os relativos á industria, commercio etc., acham-se tão estreitamente relacionados, que é difficil separal-os.

E' claro que sendo o homem o objecto de principal interesse sobre o globo, as condições e accidentes deste, devem sêr estudados sob o ponto de vista da actividade humana.

O interesse que as crianças tomam pelo estudo da Geographia, assim ministrado, prova o seu valor.